



5º Simposio de Ensino de Graduação

COTIDIANO DE UMA INSTITUIÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM DIAGNÓSTICO DE AUTISMO

Autor(es)

LIDIANE CALDEIRA FARIAS

Co-Autor(es)

MARIANA BÍLIA ARTHUR
ANITA JORGE PINTO DE CARVALHO
CRISTIANE BORGHI BELMONTE

Orientador(es)

Leila Maria do Amaral Campos Almeida

1. Introdução

Em 1953, nos estudos de Kanner, consta que o autismo era classificado como Esquizofrenia Infantil, ou seja, era considerado sinônimo de Psicose Infantil devido à incomum incapacidade de se relacionarem com outras pessoas, com os objetos, além de apresentarem desordens graves no desenvolvimento da linguagem. As desordens relacionadas à linguagem referem-se à ecolalia, inversão pronominal e concretismo. Além disso, o comportamento delas era baseado e estereotipado, características responsáveis por sua associação com a esquizofrenia.

No final da década de 70, Rutter descreveu esse transtorno como sendo uma síndrome caracterizada pela precocidade de início e pelas perturbações das relações afetivas com o meio. Considerava que o autista possuía uma incapacidade inata para estabelecer qualquer relação afetiva, bem como para responder aos estímulos do meio.

A partir desse momento, vários autores passaram a se preocupar com a distinção entre autismo e esquizofrenia. Kanner fazia uma observação importante alertando que o termo autismo não deveria se referir a um afastamento da realidade com predominância no mundo interior, mas sim um tipo particular e específico de contato do paciente com o mundo exterior. Autores norte-americanos, na década de 60, definiram as psicoses infantis em dois tipos: as da primeira infância e as da segunda infância.

Dentre as psicoses infantis da primeira infância incluiu-se o Autismo Infantil Precoce, entendido como um transtorno primário. A incidência varia muito, com índices dentro de uma faixa de 5 a 15 para 10.000 indivíduos. Atinge principalmente crianças do sexo masculino e são caracterizadas por severo déficit cognitivo, profundas alterações no inter-relacionamento social, dificuldade em relação à expressão das

emoções, falha constitucional envolvendo os afetos, déficits afetivos comprometedores das habilidades cognitivas e de linguagem. Supunha-se que a frieza emocional das mães e dos pais com relação ao filho poderia explicar o autismo. Atualmente considera-se que esse elemento não é suficiente para justificar a ocorrência do mesmo, pois ele tem sido definido como uma síndrome comportamental resultante de um quadro orgânico que é constantemente estudado por teorias psicológicas e psicodinâmicas.

2. Objetivos

Foram objetivos deste trabalho: a) caracterizar uma instituição de jovens e adultos com diagnóstico de autismo; e, b) identificar a concepção sobre autismo do psicólogo que trabalha nessa instituição e suas funções.

3. Desenvolvimento

Material.

Foram elaborados três roteiros para entrevistas sobre as funções do psicólogo, as características da instituição e das famílias dos usuários.

Situação/ participantes

O trabalho foi desenvolvido numa instituição, que atende crianças, jovens e adultos com diagnóstico de autismo. Participaram do estudo a psicóloga da instituição e uma profissional do setor administrativo da mesma. Houve contato informal também com a pedagoga e com os usuários desse serviço.

Procedimentos de coleta das informações

Os procedimentos para levantar os dados de interesse do estudo foram entrevistas com a Psicóloga e observações. Nestas ocasiões o relato foi cursivo tanto nas entrevistas como nas observações. As entrevistas foram estruturadas, com roteiros de questões previamente elaboradas. Foram feitas três observações em situações que ocorreram no interior da instituição na hora do almoço dos usuários e nas oficinas terapêuticas. As observações foram realizadas com o intuito de verificar os comportamentos das pessoas diagnosticadas autistas bem como suas formas de relacionamento social.

4. Resultados

O presente trabalho possibilitou a compreensão do desenvolvimento de uma pessoa com autismo bem como o modo de intervir em uma instituição que visa promover a tais usuários uma vida digna em todas as esferas: trabalho, lazer, aprendizado, vida em família.

Nas visitas realizadas foi possível observar que os usuários não apresentam um padrão de comportamento, uniforme, como popularmente se acredita.

A instituição analisada existe há sete anos e possui 19 usuários, sendo 18 no período da tarde e um no período da manhã. Há predominância de pessoas do sexo masculino e a faixa etária dos mesmos varia dos

sete aos 30 anos de idade. Este serviço é oferecido gratuitamente das 13h00 às 17h00 de segunda à sexta-feira. A instituição não oferece atendimento às famílias, fato que configura um problema para a mesma, apresentado mais à frente.

A psicóloga da instituição aponta a dificuldade financeira como a mais significativa além da localização da instituição e a idade com a qual as pessoas chegam até a mesma, em busca de ajuda.

Os dados obtidos com relação às famílias indicam que 90% delas podem ser consideradas de baixa renda. A maioria dos pais são separados e esse fato se dá quando os filhos são diagnosticados como autistas. Além disso, de acordo com a psicóloga, muitos pais são ausentes e pouco participativos sendo a procura pela instituição feita pela mãe.

A maior queixa da família relaciona-se à dificuldade em lidar com os filhos, que são muito agressivos, além da dificuldade financeira. Um outro fator que também preocupa os pais é o que será feito com seus filhos quando estes estiverem mais velhos.

Geralmente as mães manifestam sentimentos de depressão, baixa auto-estima e tristeza. Apresentam também grande dificuldade em aceitar o diagnóstico e em compreender a autonomia que os filhos vagarosamente vão adquirindo.

Através do roteiro de questões sobre a atuação do psicólogo, foram levantados os seguintes dados: a psicóloga orienta-se pela teoria comportamental, trabalha com oficinas terapêuticas visando desenvolver certas habilidades manuais e, além disso, desenvolve um trabalho com os usuários fora da instituição, promovendo passeios a ambientes e situações da comunidade como o shopping, camelódromo e o zoológico da cidade. Ela relata que dificilmente enfrenta problema com os usuários do serviço em situações sociais e que observa muito as reações que outras pessoas têm ao deparar-se com eles em determinados locais.

A maior dificuldade, segundo ela, é trabalhar com o atendimento dos usuários e dos familiares ao mesmo tempo e manter a calma quando eles se exaltam. Uma outra dificuldade apontada pela mesma, é a demora no diagnóstico. As pessoas demoram muito tempo para serem diagnosticadas, o que faz com que cheguem tardiamente à instituição, retardando a estimulação que se feita mais cedo poderia trazer resultados mais favoráveis

A concepção que esta profissional tem do autismo assim como de qualquer outra deficiência, é a de que o autismo se trata de uma forma diferente de olhar o mundo, que apresenta algumas limitações, mas que cada um deles tem a sua personalidade. Eles possuem outra forma de agir e de se comunicar e é muito alentador verificar que eles têm alguns avanços.

Com relação à inclusão, diz que acredita que isso seja algo possível, mas não da maneira como vem sendo realizada. Aponta que é necessário capacitar o professor e investir em formas de trabalho que dêem resultado.

As observações permitiram identificar os comportamentos emitidos pelas crianças autistas como também suas relações com os profissionais nos ambientes da instituição. Quando em situações livres caminhavam pelo interior da instituição. Alguns executam tarefas como escovar os dentes, tomar banho e utilizar o banheiro facilmente. Outros, precisam de ajuda. Alguns emitem comportamentos repetitivos: colocar a mão na testa, nariz e boca todo o tempo; se aproximar, olhando detidamente, mas sem nada dizer; outro faz comunicação verbal e outro, surpreendentemente, se mostra bem receptivo, falando algumas palavras e caminhando e brincando com as outras pessoas. Duas crianças autistas, por volta de 10 anos de idade, realizam atividades de colagem e usam material de encaixe de madeira. Durante as atividades não há interação entre as duas crianças autistas, porém elas interagem com os profissionais que realizam o trabalho. A todo instante produzem “barulhos” e os movimentos repetitivos são contínuos: movimentos como oscilar para frente e para trás; mãos ou pés inquietos. Alguns compreendiam tudo e seguiam todas as informações que as profissionais sugerem, tendo fala de difícil compreensão. Muitas vezes observa-se que os profissionais utilizam-se de reforçamentos positivos para ensinar na realização das diversas atividades. Quanto à instituição: é composta por cinco salas sendo que cada uma contém uma atividade diferente pelas quais todos passam durante o dia. É realizada uma subdivisão do grupo a partir dessas salas específicas, as salas e programas observados referem-se a programas pedagógicos e as oficinas. Atualmente existem algumas variações de abordagens mais utilizadas para o ensino especial de crianças autistas, mas a maioria delas concorda em pontos fundamentais. Nesta instituição não se identifica à adesão a um referencial teórico apenas. A integração social de uma pessoa autista não é um empreendimento fácil, porque envolve a

tarefa de colocar em um meio social não preparado alguém com comportamentos estranhos e desconhecidos para as outras pessoas. Muitas pessoas acham que a sociedade deve aprender a conviver com as diferenças mesmo que esta implique algumas vezes em passar por situações constrangedoras. Talvez uma forma de encarar este problema mais claramente seja vê-lo como um processo que envolve a educação tanto da pessoa autista como das demais pessoas envolvidas. A inclusão pode ser realizada, mas não da forma como ela está sendo proposta atualmente. Deve partir da própria sociedade, pois se isso não ocorrer será apenas uma inclusão física e não uma inclusão legítima, que valoriza as características, interesses e objetivos de todos os indivíduos. Esta instituição realiza passeios realizados, que permitem uma aproximação da sociedade e um maior contato com as pessoas. É necessário que as pessoas mudem suas formas de “ver” os Autistas, deixando de exigir deles comportamentos considerados como “normais”, e permitir que se aproximem mais da comunidade, sem lidar com elas de uma forma excluída.

5. Considerações Finais

Acreditamos que a realização desse trabalho tenha sido de suma importância para nossa formação pois possibilitou uma mudança na nossa forma de compreender o autismo e até mesmo de entrar em contato com questões tão polêmicas e que sempre se fazem presentes quando se pensa em inclusão. Esta só será possível quando a sociedade almejar incluir legitimamente, aqueles que por ela são vistos como diferentes.

Referências Bibliográficas

Glat, R. A Integração social dos portadores de deficiências: Uma reflexão. Rio de Janeiro (RJ) : Sette Letras, 1998.

Rodrigues, D. Dez Idéias (mal) feitas sobre a educação Inclusiva.

Rodrigues, David. Inclusão e Educação. Doze Olhares sobre a Educação Inclusiva. São Paulo, SP : Summus, 2006.